

**POVO TRUKÁ-TUPAN
DE PAULO AFONSO
BAHIA**

2



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

**POVOS INDÍGENAS DO
RIO SÃO FRANCISCO**



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

Fascículo N 2 | Ano 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA);
Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin
Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wag-
ner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA,
CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)

POVO INDÍGENA TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO/BA

Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Alzení de Freitas Tomáz e Juracy Marques

PARTICIPANTES DA OFICINA

Adriano Rodrigues da Silva (Vice-Cacique)
Ana Patrícia Vieira Silva
Angela Maria Marciel (Solange)
Antonio Ramos da Silva
Elaine Rodrigues da Silva (Dinha)
Emerson Alves da Silva
Francisco Agnaldo Ferreira de Oliveira (Né)
Ingrid Pereira Marciel
José Ferreira de Souza Lima (Zé)
Manoel Messias Ferreira da Silva
Rosângela Furtuoso Dantas (Laizinha)
Maria Aparecida Melo da Sil-
va (Cida)
Maria do Socorro da Silva
Maria do Socorro da Silva
Maria Erineide Rodrigues da
Silva (Cacica Neide)
Maria Silvânia Coleta dos
Santos (Vânia)
Pedro Ferreira de Lima

EQUIPE DE PESQUISA

Alzení de Freitas Tomáz
Ana Paula Arruda
André Luiz Souza
Danilo Cardoso da Silva



Figura 1: Povo Truká-Tupan de
Paulo Afonso/BA. (WATARU, 2012)

Igor Silva Andrade
Juracy Marques
Leonardo da Silva Carneiro Sousa
Nilma Carvalho Pereira
Paulo Wataru Morimitsu
Sílvia Janayna Veriato
Robson Marques
Bruno Barbosa Heim
Ivonete Etelvina do Nascimento Santos
Ana Beatriz da Silva Werneck Maria

FOTOS E FILMAGENS

Alzení de Freitas Tomáz
Clara Campos Ferreira
Driele Mutti
Maria Rosário Palma
Paulo Wataru Morimitsu

MAPA

Alzení de Freitas Tomáz
André Luiz Souza

P872

Povo Truká-Tupan de Paulo Afonso - Bahia / Povos indígenas do Rio São Francisco - N. 01 (jan. 2019) / Coordenação da pesquisa: Alzení de Freitas Tomáz; Juracy Marques.-. - Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-493-7

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Tomáz, Alzení de Freitas. III. Marques, Juracy

CDU: 528.9:39

IDENTIDADE E MEMÓRIA

Sou do Povo Truká mãe de Cabrobó, saí de lá e vim morar em Delmiro Gouveia, de Delmiro Gouveia vim pra Paulo Afonso e de Paulo Afonso fui convidada pra construir a aldeia. Porque antes era, no começo, uma família Pankararu e eles formaro. Tavam formando uma aldeia e eles convidaram Adriano meu filho, aí procuraram nós pra saber se nós era índio e convidaram nós pra fazer o ritual com eles. Adriano me convidou pra me visitar



Figura 2: Cacica Neide Truká-Tupan. (TOMÁZ, 2018)

eles, eles queriam me convocar como uma conselheira e depois eles achava que eu podia ser a Cacica pra tirar o outro cacique que não era índio, quando chegou lá o nome se chamava B Caruá Verde. Quando eu vim participar aí procuramos reunir todos os índios, que era muitos de outras aldeias, pra colocar o nome Tupan e hoje nós combinemos todo mundo pra ficar Truká-Tupan, porque se não fosse nosso pai Tupan nós não tava até aqui nesse caminho que nós vamos, vencendo todas batalha, todas guerras. (Cacica Neide)

Eu pensei que o cacique podia ser ele que ele tinha carro, ele tinha todos poder, todos recurso na mão e eu num tinha nada, e eu sem querer ser a Cacica, terminei sendo procurada pelos Encantados e o povo e, hoje a Cacica sou eu. Fizero uma votação e eu fui a votada e até hoje tô nessa luta, nessa guerração tô vencendo todas batalhas, é de vencer que os Encantado sempre me ajuda e o nosso pai Tupan, se não fosse nosso pai Tupan eu sei que eu não estaria até nessa data de hoje porque a luta é muito grande é, foi muita tristeza no começo da aldeia, muita coisas que aconteceu com nós. (Cacica Neide)

E hoje estamos aqui nessa terra e nós pede muito ao nosso pai Tupan, aos Encantados, às forças da Jurema sagrada que nós é de ficar aqui, que já tamos assentado aqui. Já temos nossa Oca, temos nosso terreiro, nosso Cruzeiro e as nossas Juremas sagrada que é nossa Jurema de nossa cura e chegou outras famílias, cunhado meu e sobrinhos, meu esposo

e tamos acolhendo eles e formando a nossa aldeia com mais gente. Agora se torna em 18 famílias. E confiando em Deus, nós é de ficar aqui, que aqui é nosso lugar, sossegada, muita paz, sossego, felicidade e tem muita paz. **(Cacica Neide)**



Figura 3: Lideranças no Toré. (PALMA, 2012)

Pra mim é uma felicidade, eu me sinto à vontade, danço o ritual normal, como qualquer outro índio, me sinto feliz de tá junto com a cacica, junto com o filho dela, me sinto outra, como qualquer outra pessoa. E ser índio pra mim é ser, é ter a felicidade, é ter a esperança de um dia conseguir ter nossa terra definitiva e sermos feliz, todos juntos. (Nalvinha)

*Eu me chamo Eliane, nasci em Cabrobó, sou índia de lá e vim morar aqui nessa aldeia, mais não é por isso que estamos aqui, que nós esquecemos das nossas origens de lá, da nossa Ciência. Sempre dançamos o toré. Nós índios somos como se fosse uma planta temos que ter cuidado, precisamos de todos cuidados como uma planta. Nós, por exemplo, temo... A planta precisa da água, do adubo, de todos os cuidados que tiver de uma planta, nós índio precisamos também, como por exemplo, o toré, as nossas Ciência, que nós temos que sempre tá cultivando dentro da aldeia, sempre ela está presente em nós. Nós precisamos também ter muito respeito com nossas origens sempre ter assim, quando um tiver uma visão, uma pessoa mais velha tiver uma visão os mais novo tem que atender aquele pedido do mais velho, que isso é muito importante em nossa aldeia e nem todo jovem não atende mais o mais velho. **(Eliane – Liderança)***

***Ser índio pra mim é o seguinte. Ser índio é uma cultura boa, entendêro?
O caba num ser discriminado por ninguém, ser uma pessoa feliz.
(Antônio)***

*Ser índia pra mim é muito importante porque eu num sabia o que era índio e nem nunca morei numa aldeia, aí depois que eu conheci a cacica Neide foi que eu vim morar na aldeia, né? E pra mim índio é uma coisa muito importante, índio é ter fé, num sabia dançar toré, já tô sabeno e sou casada com índio. Conheci ele em Pernambuco, aí tô com ele até agora, que é Moacir, né? **(Ângela)***

Meu nome é José Ferreira Lima, tenho vinte e seis anos e ser índio pra mim eu tô descobrindo agora, eu estou descobrindo agora. Rapaz, é como se diz, tô pegando os cantos agora do toré, começando aprender a dançar agora e tô achando bom. Eu venho de Truká de Cabrobó, meu pai é índio Truká, eu nasci lá na aldeia e vim praqui, recebi o convite pra vim pra aqui. Tô achando bom e é isso, vou descobrindo mais coisas boas. (Zé)

Meu nome é Manoel Messias, tenho trinta e cinco anos e tô aqui pra ser índio, é uma coisa que eu tô descobrindo agora, né? Sei que é muito importante, já sei de minhas origem de onde veio. E é que nem se diz, cheguei aqui achei alegria, achei paz, tô acompanhando os cantos, quer dizer num aprendi direito ainda, mas com certeza vou aprender e já tá bastante avançado, né? Se fosse pra cantar agora eu num cantava por causo que eu só canto com eles, mas a alegria é imensa. (Messias)



Figura 4: Toré Truká-Tupan. (PALMA, 2013)

Meu nome é Francisco Agnaldo Ferreira de Oliveira, tenho vinte e três anos e o que é ser índio pra mim é a liberdade de fazer o que eu quero, o que eu posso e sobre a terra é uma grande, eu acho que é uma grande importância porque isso se torna uma grande vitória pra todos nós que somos índio. (Né)

UMA ALDEIA DE MUITAS RAÍZES – TRUKÁ É MÃE E TUPAN É PAI DE TODOS NÓS

Aqui tem Truká, tem Funiô, tem Kiriri e tem Atikum. Os Pankararu não tem, mais eles resolveram se juntar com eles mesmos. Só esses é que forma a nossa aldeia Truká-Tupan. O nome Truká-Tupan é porque Truká é a Aldeia Mãe de onde eu vi... Que eu venho de lá, de mãe Truká de Pernambuco e Tupan é o pai de nós todos indígena. E como tem outros índios de outras aldeias que a gente não sabe quem pode vir, um dia pode até construir outro cacique, né? E também pra não ficarem com queixa porque eu podia puxar só Truká, mas, veio pra nós na Ciência e colocamo Tupan porque Tupan é o pai de nós todos e pode mais na frente se eu... Querer me arrepender, Adriano não querer seguir o caminho dele de cacique, nenhum filho meu e aí pode ser outro índio de outra etnia. **(Cacica Neide)**



Figura 5: Desenho etnográfico das raízes do Povo Truká-Tupan (2012).

CHEGADA À TERRA DO ARATIKUM

Nós viemo pra cá convidado do fazendeiro, o fazendeiro diz conhecia aquela área que nós tava no BTN e sabia que era uma área muito perigosa. E convidou nós, e eu sem querer vim com toda, com todo problema que tinha lá eu gostava de lá. Mas, aí todo mundo ficou aguniado pra vir, pensando em plantar, pensando em ser melhor pra nós e como de fato aqui é bem melhor. É muito bom aqui, muito sossegado, cheio de paz e sossego, só estamos precisando mesmo de água pra trabalhar porque nós já temos nosso terreiro do nosso ritual... Os Encantos chega, aqui nessa terra, os Encantados passa, os Encantado invisíveis e nós sente muita força em saber que aqui tem Encantos, Encantos de luz bom. Aí, por isso que nós não pode sair mais dessa terra, que essa terra é encantada e tem muitos Encantos e nós, sempre nós sente e ver coisas boas. **(Cacica Neide)**

Nóis teve a ajuda do exército que trouxeram nossa mudança das primeiras famílias que viero pra cá, viemos também de carroça de burro, no carro da ambulância também, no carro do exército e nós tivemos apoio do exército porque senão como era que nós ia sair de lá sem ter um transporte, sem ter ajuda. Era nós carregando algumas mudanças e os marginais carregando outras, nós teve muita perda lá de muitas coisas que nós tinha e trazendo outras pra cá, algumas coisa a gente adquiriu e outras a gente teve prejuízo e agora que nós tamo se ajei-

tando aqui nessa terra e nós não temos pra onde sair a não ser ficar aqui, que é onde nós tem que ficar é aqui que aqui tem Encantados tem os irmãos de luz pra nos proteger livrar nós tudo quanto for ruim, paz, luz, sossego, felicidade pra cada um de nós e todos visitantes que vem nos visitar. E temo as barragem pra nós criar nossos peixe e próximo ao Rio São Francisco que de longe a gente ver o rio, a gente ver as mata, a gente ver nossas Juremas e mais outras plantas que nós temos aqui. Temos juazeiros, que o juazeiro é sagrado. (Cacica Neide)



Figura 6: Croqui do Território Truká-Tupan autodemarcado. (2013)

A nossa terra é pra ser resolvida, o problema mais rápido possível e a nossa água pra nós plantar pra parar de tanto sofrer procurando um dia de serviço aos fazendeiros aqui próximo e também pedindo trabalho pelas cidades, pela cidade de Paulo Afonso pra trabalhar limpando muro, podando planta, zelando das plantações, nós temos que zelar daqui de nossa aldeia todo mundo junto e unidos. (Cacica Neide)



Figura 7: Poró do terreiro do poente com Cacica Neide e Vice-Cacique Adriano. (TOMÁZ, 2011)

Essa terra aqui representa muita coisa, representa ser, ser uma terra que seja, tem muita Ciência nela e a gente tamo aqui, e a gente queria formar nossa aldeia aqui mermo, ser aqui mermo a aldeia. Porque aí a gente, tem que trabalhá na terra, colher os frutos da terra e daí por diante. E trabalhá. Se alguém mandar sair, você diz, rapaz, o que a gente quer dizer é que o governo pague essa terra aqui pra gente e num acontecer isso, a gente num sair daqui. Ele vai ter que dizer por acaso pra o nosso Encanto: - Oh, vocês vão ter que se mudar, será que eles vão ter coragem? Rapaz eu num queria sair daqui não viu, eu num quero sair não. Eu quero ficar aqui mesmo, tanto eu como nós todos aqui da aldeia. E alguém dissesse que pra voltar lá pro BTN, eu digo que é pior ainda que por a gente, a gente num vai mermo. (Antônio)

CONFLITOS

No BTN III nós era, nós era perseguido pela bandidage e Tupan me deu muita força, muita fé, muita luz porque eu pedia ao nosso pai Tupan, acendia o meu guia e tinha muita fé ia pro pé do cruzeiro e pedia e nós passava muitas noites de sono e dormia no cruzeiro uns e outros acordados e aqueles bandidos chegava a se afastar quando nós chamava por Tupan, eles se afastava e puxavam os outros, não tinha corage e nem a força de entrar e chegar até perto de nós. (Cacica Neide)

No Aratikum, morreu muitas plantaço que o proprietário mesmo foi quem deixou morrer, tirou a bomba e os coqueiro morreu, todas plantaço que ele tinha, os nossos animais morrero um bocado também e nós ficou sem plantar, até nossas roças que nós já tinha plantada aqui também morrero e nós num gosta de plantar e morrer, nós planta e acolhe e pra servir a nós. E foi uma grande tristeza pra nós ter morrido todas nossas plantaço e o que ele tinha aqui também, que era os coqueiro, tinha bastante coqueiro, pé de cana, tinha peixes, os peixes morrero também por falta de água culpa do fazendeiro que se fosse por nós até hoje nós tava aqui bem, com muita fartura e os peixes. Que nós não somo pra destruir, nós tamos pra alimentar a terra com nossos legumes, nossas plantas e os nossos peixes. **(Cacica Neide)**

Lá na cidade, quando nós morava lá era muito difícil a nossa vida, hoje vamo botá uns noventa por cento de melhoria aqui na aldeia. Lá nós passava a noite sem durmi, os curumim ficava acordado a noite quereno fazer vigia também junto com os pais, tinham uns que davam depressão neles, tudo que eles via, eles dizia que era os marginal que queria fazer as coisa com a gente e nós com medo de perder um curumim e próprio nossa vida, nós ficava acordado. Teve uma vez que nós passemos vinte e oito noite sem durmi e só conseguia durmi coisa pouca pelo dia, questão de duas horas por dia, e hoje nós tamo aqui na... Nessa terra que o fazendeiro concordou nós vim pra cá pra trabaia com ele e tá noventa por cento de melhoria pra gente, só num tá muito porque nós tamo precisano do projeto pra nós podê trabaia na terra. **(Adriano, Vice-Cacique)**



Figura 8: Audiência de reintegração de posse na Justiça Federal em Paulo Afonso (CAMPOS, 2013)

Bom, quando o pessoal indígena Pankararu procuraro se eu era índio, eu declarei a eles que era, aí eles pegaro, ficou convidano a gente pra dançar toré dentro da cidade, num terreno baldio que tinha lá e depois eles foro até a prefeitura pra pedi um pedaço de uma área, sessenta por cinquenta metro de terra, só pra o ritual que nós naonde num tinha o direito de fazer um barraco, pra nós bem ser as... Cultura, uma casa de uma Ciência nós num tinha. Aí depois teve um, é... Teve a mudança, a votação de liderança que foi pra cacique, aí ficou minha mãe e eles me escolheram como vice-cacique e ela ficou, foi naonde que nós andemos na prefeitura de volta e pedimo pra ele aumenta a área, eles aumentaro, a área num tenho lembrança a quantidade da área e nós, foi naonde que nós fizemo a construção das nossas casa, a Oca, que foi queimada lá também por próprio mal elemento, e... Tivemo até algumas plantações de... Pequeninha de roça (Antônio: de abóbora, feijão) que nós fizemo lá na área. **(Adriano, Vice-Cacique)**

E nossas areia dos riachos, ele vendia, ele vendia terra do riacho e nós pedimos ao Ibama pra vim, pra ser impatado, pra tirar as terra do riacho, as areias, distruino as pedreiras das matas e terminou nós mermo impatá, que eu disse as pessoas que tava tirando areia, distruino que se eles não parasse com aquele trabalho eu ia me atrevesar na caçamba e na máquina, pra poder eles não tirá, eu dava minha vida pelas areia, pelas pedreira e pelas planta e ele terminou se saí, porque ele não respeitava leis, respeitou minha palavra, porque senão eu me atrevesava na máquina. Aí ele teve medo, temeu e não veio mais porque eu tava preparada, porque com a obra da natureza que Deus deixou pra nós zelá, nós não pudemo distruí. O índio, ele não distrói das mata, ele não distrói de nada que Deus deixô, ele preseva. Seu Pena Branca tá me ajudando. (Cacica Neide)

A LUTA PELO TERRITÓRIO

O fazendeiro pediu a nós pra nós vim pra cá, pra nós trabalhar junto com ele, como nós fosse ficar de meiero pra ele, depois que ele convidou nós pra ficar aqui na terra ele se fugiu de nós, e ficou cobrano da Funai e ficou com pobrema, mas a gente viemo pra cá em combinação com o ele e nós não temos pra onde ir, aonde nós tem que ficar é aqui que se foi botado pelo fazendeiro, nós pedimos que os órgão pague a terra dele pra nós ficar sossegado, indenize o que ele tem aqui. **(Cacica Neide)**



Figura 9: Território Truká-Tupan. (WATARU, 2014)

Eu num sei falar muito bem como os formado fala porque eu não tenho leitura, não me interessei a meus estudos, não foi culpa dos meus pais, foi culpa da natureza mermo porque Deus num deixa nenhum índio burro, Ele sempre deixa nossas leitura muito diferente que é nossos cultura, nossos custume. Aí eu num tenho inveja de quem sabe lê porque Ele dá nossas cultura, nossas formatura é muito diferente porque a gente sabe de alguma coisa, sabe se tratar nos remédios, né? Sabe cuidar das nossas matas, das nossas obras da natureza que Deus deixou a nós e só isso é uma grande leitura que Deus nos deixou, que é o nosso pensamento e o nosso amor que nós sente em nosso coração pelo que nós temos. (Cacica Neide)

O fazendeiro, depois quando ele desconcordou a nossa vinda pra cá, que nós já tava aqui na área, ele alegou que num queria nós mais aqui que tudo, mas depois quando nós derrubemo a nossas casas lá aonde nós tava, que era no BTN, na zona urbana, e nós decidimo quanto nós povo de ficar na terra porque o que ele fez foi demais com a gente, não acharemos que ele quis fazer uma bondade com a gente e ao mermo tempo ele quis, ele fez uma ruindade e hoje nós tamo aqui na terra dependendo do governo pra pagar ele, que os próprios Encantados já tá chegano na área, nós não vamo deixar nossos irmãos de luz só na área nós pretende ficar junto com eles dentro da área, da propriedade. (Adriano, Vice-Cacique)

A terra pra gente representa muita coisa, pra mim felicidade, que eu num tinha, né? Felicidade, muito orgulho e tenho fé em Deus que ainda nós vamo ganhar ela. Muita força da cacica, muita força, os toré, que ela tem muita força quando vai pro toré dela. Eu num sei se sou índia da gema não, mais lá perto de onde eu vim de Triunfo, Pernambuco, pra lá tem aldeia perto. Té eles canta assim Inajá tem aldeia. E eu, bem dizer fui criada em Triunfo sabe, num lugar chamado Sítio Brejo, perto de Inajá, aí de lá eu fui pra Triunfo. (Ângela)



NOSSOS COSTUMES

*No Rio de São Francisco, no outro lado de lá
Tem duas caboca índia, dançando o seu toré
Bebendo água no seu coité
E as caboca do mato só vem forgá.
E as caboca do mato só vem forgá (Toante Indígena)*



Figura 10: Artefatos usados em rituais do Truká-Tupan e casa de adobe (CAMPOS, 2012)

Vamo esquecer do Araticum? Só a terra? Bom hoje a terra, aqui próximo ao alto do Araticum, que hoje é aldeia, nós se trata como aldeia. Hoje a terra pra nós ela... Uma palavra muito forte de nós ter a cumida, pra nós ter a cumida dos nossos curumim. É a batata, ter o peixe, ter o feijão, a mandioca, o terreiro do ritual, o toré, pra nós dançar nosso toré. (Adriano, Vice-Cacique)

Que antigamente, num sabe cumade, quando antes de mãe ser a cacica, tinha gente que caía no terreiro do toré. Caía e ficava lá... ciscava assim, parecia que nem tava nadando no seco assim. Cumeno terra assim, largava os dente no chão. (Adriano, Vice-Cacique)

A Jurema pra gente representa a Jurema é que é sagrada pra gente. É da onde a gente tira nosso vinho, nosso. É a nossa força, a nossa força do nosso toré é a Jurema, a gente toma ela e dá muita força pra gente, pros nossos rituais, né? É uma força é a coragem de brincar até amanhecer o dia. E o toré pra gente é porque aí a Ciência é a do cacique, num é minha, eu sô índio, né? O cacique é que tem a Ciência dele pra fazer só a noite e nós segue os passo do cacique. (Antônio)

O Pajé da Aldeia é o seguinte... aqui os Encantos só deu Cacique, num sabe? O Pajé daqui tá sendo nosso pai Tupan por enquanto, enquanto é escolhido um ainda (...), eu que faço o que é preciso, é o chá, uma cura, num é?! Quando eu viajo que demoro, eles num querem que eu demoro, porque sempre tem uma precisão. Os meus índios, meu povo quer que sempre eu fique na aldeia. É tão dum jeito que as vezes eu nem gosto de viajar muito porque eu faço os chá, faço as cura deles, pra mim também, e sou a força até Deus quiser seno tudo eu e é muito cansaço pra mim. Mas, com a idade que eu completei parece que eu tô me sentino criança é agora, eu sou uma criança. (Cacica Neide)



Figura 11: Cacica Neide e Dinha, liderança. (PALMA, 2012)

(...) aqui quem tem coisa ruim e vem com má intenção se afasta, logo, nem precisa eu mandar ir embora, os Encantos mesmo se encarrega de levar embora. Aqui nunca caiu um índio graças a Deus! Tem aldeia que diz, ah cai, num diga isso não cacica que a aldeia que cai índio é forte, eu digo, pois na minha Deus num deixa cair um. (Cacica Neide)

Mais é o direito nosso, o jovem atender seguiu aquele caminho dos mais velho e outra coisa, eu sou agente de saúde daqui da aldeia e nós cuidamos, eu cuido dos índio na saúde e também quando assim, tem um doente primeiro nós vamos nas ervas, não diretamente procuramos um médico, primeiro nós procuramos a cacique Neide e perguntamos qual o remédio que nós damos pra crianças. Como aqui passou, já teve exemplo de meu filho mesmo, estava muito doente e ele passou pela morte, e primeiro eu recorri a ela: que mandou fazer um chá, ele estava morrendo mesmo no meu braço. Foi um dia de sufoco muito grande que eu nunca vou esquecer em minha vida que eu quase perdi meu filho e agradeço

muito aos Encantado. Que primeiro ela (cacique) veio na casa da Ciência, pediu que eles que ajudasse, que aquela criança num morresse, aí veio nela (um Encanto) e ensinou que ela fizesse um chá, aí ela foi mandou fazer o chá e dá pra ele. Aí, quando eu levei ele pro médico, a médica disse: não, já foi combatido em casa. Hoje estou muito feliz, emocionada porque eu me lembrei disso. Por isso que eu digo que a Ciência aqui nós temos que ter muito respeito, eu me emociono muito quando falo, que é uma Ciência muito forte. Aí é isso, por isso que nós temos que tá sempre respeitando e principalmente atendendo o que os Encantados nos pedi e principalmente eu tenho muita fé na Jurema e tudo. **(Eliane, liderança)**

REINVIDICAÇÃO

Meu nome é Adriano e moro aqui na aldeia Truká-Tupan. Sou liderança da comunidade e gostaria que o governo resolvesse logo o assunto dessa terra pra tirar nós, pai de família, da rua de tá trabaiano pra os não-índio, pedindo diária a eles, nós na onde moramos na terra e sem pudê nós trabaia e precisamos também dum projeto pra puxar a água pra nós podê trabaia. **(Adriano, Vice-Cacique)**

Aqui já tamo cuidando da terra muito antes de governo ajudar. Por conta própria fizemo uma Oca Sagrada com o tijolo ecológico, feito por nós mesmo. Estamos plantando árvores da caatinga, fazendo recaatingamento. Porque nós precisamos das matas e isso aqui tava muito desmatado. Nós também fizemos nossa escolinha pra nossas crianças pequenas não precisar ir pra cidade e pra escola dos não índio ser discriminado. Isso nós não aceitamos. (Cacica Neide)



Figura 12: Vice-Cacique Adriano, aponta limites do território reivindicado. (SOUZA, 2018)



Figura 13: Pilões encontrados no território reivindicado. (TOMÁZ, 2017)

Nós aqui fizemos nossa autodemarcação, agora os Encantos mostraram pra gente, como é o verdadeiro território. Foi presente que Deus deu pra saber qual o território é dos nossos antepassados e é esse. Com os pilões dos antigo. A antropóloga disse que aqui era terra de índio.

(Cacica Neide)



Figura 14: Oca Sagrada. (WATARU, 2013)

O território é a parte que começa lá em cima na estrada com a boca do rio aratikum e vai até desembocar no rio São Francisco. Truká é Povo do rio, ribeirinho, não é atoa que viemos parar mesmo no rio destas terras de Aratikum.

(Adriano, Vice-Cacique)



A NATUREZA PRA NÓS: TÁ NA ERVAS DA MEDICINA E NO CANTO DO PÁSSARO QUE AVISA O AVISO DOS ENCANTOS



Figura 15: Os Truká-Tupan e a relação com as plantas medicinais. (PALMA, 2013)

A gente usa a embira, velande, chocalhinho, catingueira, maracujá de estralo, juazeiro, angico, jurema preta que pra nós é sagrada, faveleira, umbuzeiro, pereiro, pião brabo, croá, jurema branca, baraúna, cabeça de nego, macambira, quebra faca, alecrim de caboclo, pichilim, erva doce, barbatimão, anil estrelado, jatobá, imburana de cheiro, hortelã da folha grossa, endro, eucalipto. Tudo que tem nas matas dá pra usar pra curar qualquer doença. (Cacica Neide)

Oi que o passarinho cantou na hora que mainha tava falando, isso foi um aviso! Confirmou a verdade de tudo pra nós. (Adriano, Vice-Cacique)



Figura 16: Oficina da Cartografia. (PALMA, 2012)

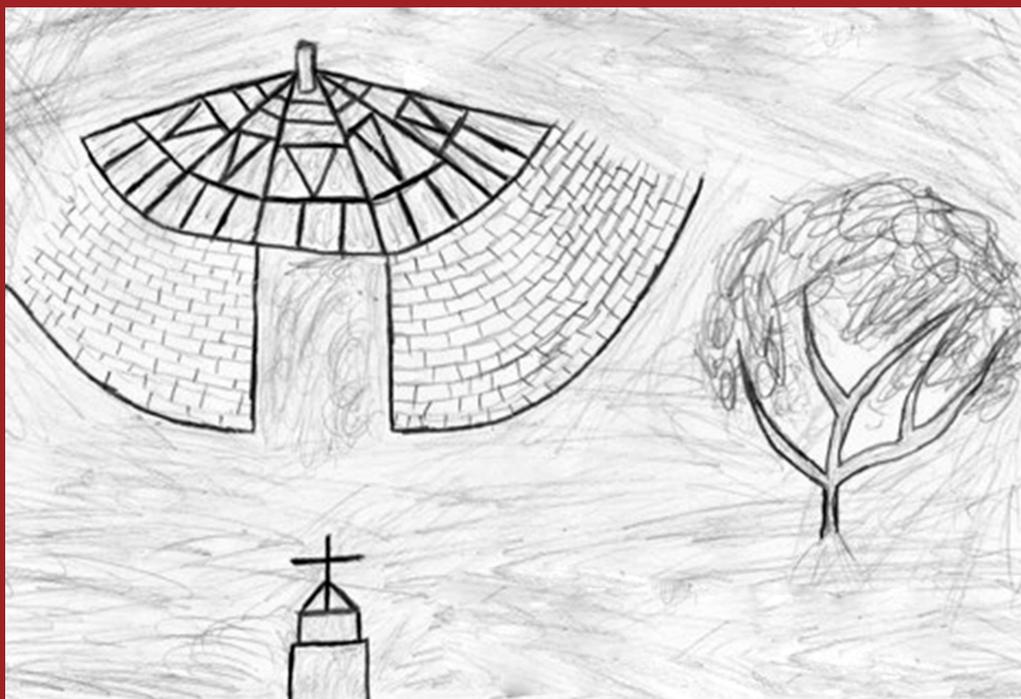


Figura 17: Arte indígena Truká-Tupan. (POVO TRUKÁ-TUPAN, 2017)

CONTATOS

ASSOCIAÇÃO POVO INDÍGENA TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO

Alto do Aratikum, Zona Rural | Paulo Afonso-BA | CEP: 48.600-000
Tel.: (75) 98889.8991 (Adriano, Vice-Cacique)

SABEH – SOCIEDADE BRASIELIRA DE ECOLOGIA HUMANA

Rua Campo Sales, 180 | Cleriston Andrade | Paulo Afonso-BA | CEP: 48603-440
Tel.: (75) 3281.0848 | E-mail: contato.sabeh@gmail.com | www.sabeh.org.br

Realização

POVO INDÍGENA TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO – BA

Apoio

CEDITER – CENTRO ECUMÊNICO DOS DIREITO DA TERRA
SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL | Série: Povos Indígenas do Rio São Francisco

1 POVO PANKARARÉ DE GLÓRIA – BAHIA

2 POVO TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO – BAHIA

3 POVO KARIRI-XOKÓ DE PAULO AFONSO – BAHIA

REALIZAÇÃO

POVO INDÍGENA TRUKÁ-TUPAN DE PAULO AFONSO - BAHIA

APOIO



FORDFOUNDATION



PNCSEA